



Universidade  
Estadual de Goiás



## CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E LÍNGUA INGLESA NA CONTEMPORANEIDADE: um estudo de caso com discentes de um curso de Letras em Goiás

Monalisa Pedroso Moraes (POSLLI/UEG)<sup>1</sup>

Cristiane Rosa Lopes (POSLLI/UEG)<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo identificar e problematizar concepções de língua e de língua inglesa de discentes de um curso de Letras de uma universidade pública do interior de Goiás. A fundamentação teórica baseia-se em teorizações de autoras/es da área da Linguística Aplicada Crítica. Para atingir os objetivos propostos, a pesquisa tem natureza qualitativa-interpretativista (Bortoni-Ricardo, 2008) e ainda se caracteriza como um estudo de caso (Egido, 2024). Para geração de dados, foram utilizadas rodas de conversa (Sampaio; Ribeiro; Souza, 2023) e também questionários com discentes. Dentre os resultados por ora identificados, visto que a pesquisa ainda segue em desenvolvimento, discentes da universidade pesquisada apresentam concepções utilitaristas e pragmáticas de língua e de língua inglesa. Dentre as discussões que surgem ao refletir sobre o material empírico, problematizo sobre como as relações de poder, a globalização, a mercadorização da língua inglesa e o neoliberalismo têm impactado as concepções de língua inglesa e de educação linguística, até mesmo em cursos de formação de professoras/es de línguas em instituições de ensino superior.

**Palavras-chave:** Concepções de língua. Língua Inglesa. Linguística Aplicada Crítica.

### INTRODUÇÃO

Este artigo traz um recorte de uma pesquisa em andamento, que visa problematizar sentidos que a língua inglesa e o seu ensino têm em cursos de licenciatura em Letras, ou seja, em cursos de formação universitária de professoras/es de línguas. Trata-se de uma pesquisa no campo da Linguística Aplicada Crítica, que se caracteriza como uma linha de estudos indisciplinar (Moita Lopes, 2006) e transgressiva (Pennycook, 2006). Indisciplinar porque se abre ao diálogo com outros campos do conhecimento, repensando a linguagem, seu uso e a sociedade, construindo uma ciência transdisciplinar. Transgressiva porque problematiza o pensamento tradicional.

<sup>1</sup> Discente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, Cidade de Goiás-GO.

E-mail: [monalisapmoraes@gmail.com](mailto:monalisapmoraes@gmail.com)

<sup>2</sup> Docente no programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás. Doutora em Letras e Linguística pela UFG. E-mail: [cristiane.lopes@ueg.br](mailto:cristiane.lopes@ueg.br)



Universidade  
Estadual de Goiás



É um estudo de natureza qualitativa interpretativista (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 32), que parte do pressuposto de que “não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes”. Também pode ser identificado como um estudo de caso, que, segundo Egido (2024, p. 78), apresenta uma “riqueza de detalhes”, que “é vantajosa e permite ao/à pesquisador/a conhecer minuciosamente o fenômeno investigado”. Segundo este autor, a riqueza e o detalhamento do material empírico são mais importantes do que sua extensão.

A pesquisa foi desenvolvida em uma turma da disciplina de Língua Inglesa, com a participação de 11 discentes do curso de Letras, de uma universidade pública do interior de Goiás. Para a geração do material empírico, que ocorreu em 2024, foram realizadas rodas de conversa (Sampaio; Ribeiro; Souza, 2023) com as/os discentes e também aplicação de questionários. Para preservar a identidades das/os participantes, utilizamos pseudônimos.

## DESENVOLVIMENTO

Dentre os resultados já identificados, percebe-se que a maioria das/os agentes desta pesquisa apresentam uma concepção neoliberal sobre a língua inglesa, visto que algumas falam em “preparação para o mundo globalizado”; outras/os mencionam o inglês com a “língua universal”. Lopes (2020, p. 28) traz uma problematização acerca desta hegemonia da língua inglesa:

(...) o neoliberalismo contribuiu, significativamente, para a manutenção do espaço privilegiado no qual o inglês se estabeleceu. Por se tratar de uma língua de presença massiva no meio tecnológico, tornou-se a língua da educação neoliberal. Assim, todo o privilégio dado ao inglês reverbera o possível apagamento de outras línguas, como por exemplo, o francês (que já não faz parte das disciplinas presentes no currículo do ensino regular), afinal, a língua francesa não recebe o status de língua mundial dos negócios (Lopes, 2020, p. 28).

Para o autor, a língua inglesa tem se mantido como “mais falada”, por ser estimulada por uma prática neoliberal, que visa fins mercadológicos. Almeida (2020, p.31), por sua vez, considera que a hegemonia do inglês está relacionada à mercadorização da língua, que é um fenômeno, segundo ela, complexo. A autora analisa que “o inglês passou por distintas fases de expansão articuladas aos processos históricos de missão civilizatória, de expansão territorial, de industrialização, de modernização e de globalização contemporânea” (Almeida, 2020, p. 44).



Universidade  
Estadual de Goiás



Neste processo de expansão, a língua foi se tornando historicamente mercadorizada e, por isso mesmo, hegemônica. Almeida (2020, p. 48) relaciona a expansão do inglês, “como elemento fundamental para as transações político-comerciais globais”, à comercialização do ensino da língua. Para a autora, o papel hegemônico da língua inglesa a eleva a uma língua global, uma língua fraca e a uma mercadoria cultural. Dessa maneira, o ensino de línguas acompanha esta lógica mercadológica. Ainda segundo Almeida (2020, p. 61), “o caráter instrumental, utilitarista e comercial do ensino e aprendizagem de línguas, especialmente o inglês, está imbricado nesse novo modelo econômico do conhecimento”.

Os agentes da pesquisa Borat e Henry abordaram o aspecto cultural do ensino de línguas. Para Borat, o acesso não é somente a “melhores oportunidades ou empregos”, visando a profissionalização, mas que aprender inglês promove acesso a um “mundo cultural”. Nesse sentido, Almeida (2020, p. 73) explica que o turismo é uma das atividades econômicas de maior crescimento na sociedade globalizada. A busca por esse “mundo cultural” pode perpassar pela necessidade de se falar outra língua e pelo consumo de itens simbólicos da cultura acessada, inclusive daqueles de menor poder aquisitivo. De acordo com Almeida (2020), o ensino da língua inglesa pode promover um maior acesso a diferentes culturas, mas não deixa de ser um uso comercial e lucrativo.

O turismo atrai diversas regiões economicamente periféricas e falantes de línguas minoritárias que buscam uma identificação com línguas e culturas de maior prestígio econômico. Desse modo, têm-se novos públicos e, portanto, novos consumidores como fontes de lucro. (Almeida, 2020, p. 73)

Outra agente da pesquisa, a Rachel, fala em “métodos acessíveis didaticamente, talvez deste modo, o ensino seja mais eficaz”, ao sugerir a necessidade de um método ou técnica ou abordagem para o ensino. De acordo com Almeida (2020, p. 74), metodologias, cursos, escolas de idiomas, professores, programas e projetos de formação de iniciativas privadas de comercialização das línguas buscam “controlar a legitimidade das línguas, de seus falantes e das variedades linguísticas de uma única língua, bem como do acesso a vários repertórios multilíngues”. Inclusive, a adoção de livro didático de língua inglesa de editoras estrangeiras, especialmente em cursos de Letras, tem sido problematizada. Lopes e Santos (2020, p. 152-153), por exemplo, pontuam que “o uso desse tipo de material reforça e dá continuidade a



Universidade  
Estadual de Goiás



práticas, que foram implementadas na área de ensino de línguas e formação docente, por uma matriz colonial de poder”. Por isso, sua adoção, “principalmente na formação de professoras/es em curso de Letras, já deveria ter sido repensada”.

Pensando em práticas educacionais embasadas em perspectivas críticas, para promover uma educação crítica e intercultural, é importante o uso de metodologias e materiais que possibilitem, por exemplo, que as/os aprendizes partam da sua realidade para compreender o mundo. Como ressalta Duboc (2017, p. 227), é necessário “trabalhar a noção de língua e de texto como construção de realidade: ou seja, os sentidos que muitas vezes encontramos em um livro didático não constituem verdades absolutas, mas, sim, perspectivas, realidades construídas por assim dizer”. Nesse cenário, ressalta-se a importância de uma formação crítica de professoras de línguas, que questione as concepções de língua e educação que embasam as metodologias e materiais a serem usados.

Na contemporaneidade, tendo em vista o status da língua inglesa no cenário global, é importante que refletir sobre possibilidade de romper com aspectos coloniais relacionados ao ensino desta língua. O fato de ser uma língua que tem mais falantes não nativos do que nativos, por exemplo, implica na necessidade de uma concepção de língua e de ensino que acate a diversidade, e que desterritorialize a língua inglesa de suas culturas de origem, potencializando assim seu uso numa perspectiva intercultural (Siqueira, 2012).

O neoliberalismo, como vem sendo apresentado, influencia na configuração da educação como um todo, pois está sempre voltado ao mercado de trabalho e ao consumo. No caso específico do ensino de língua inglesa, traz a concepção de que o conhecimento desta língua levará a melhores oportunidades econômicas e de prestígio social.

A agente Mary, por exemplo, afirma que:

O ensino de língua inglesa no Brasil deve preparar os alunos para o mundo globalizado, oferecendo acesso a oportunidades acadêmicas, profissionais e culturais (Mary – Questionário 2).

Esta fala da participante Mary evidencia a concepção de língua inglesa e de seu ensino como uma forma de preparação para o acesso ao “mundo globalizado”, ou seja, uma forma para que as/os aprendizes desta língua tenha melhores oportunidades de estudo, emprego e ascensão social.



Universidade  
Estadual de Goiás



Segundo Nascimento (2018, p. 43), variadas/os autoras/es classificam o neoliberalismo como uma forma radicalizada de capitalismo, uma reconfiguração ou um novo capitalismo. Ainda de acordo com a autora, no neoliberalismo há uma “ênfase no indivíduo em contraposição à coletividade e crença de que a reconfiguração do papel do estado, com vistas a promover a autorregulação do mercado, seja um caminho para viabilizar o crescimento econômico” (Nascimento, 2018, p. 44).

Nesse contexto, o ensino de línguas, muitas vezes é moldado por preceitos neoliberais que visam a formação de indivíduos mais aptos a se inserirem em um mercado de trabalho globalizado e altamente competitivo. Ao fazer uma relação da ideologia neoliberal com o ensino da língua inglesa, Ferraz (2015, p. 60) afirma que “os discursos sobre a língua inglesa e o mercado de trabalho apontam para a presença massiva da língua inglesa na sociedade (materialidade), de um lado, e a língua inglesa como capital simbólico educacional e econômico (imaginário social), do outro”. Isto é, aprender inglês para ter mais oportunidades de trabalho e para ganhar melhor. A fala da participante Venefer traz indícios de uma concepção neoliberal.

A língua inglesa tem um papel importante no contexto da comunicação, falar com algum falante da língua nativa, além de poder comunicar, é imprescindível para o mercado de trabalho, leitura de texto e amplo conhecimento (Venefer, Questionário 2).

De acordo com Côrtes Servelati, ao se orientar pela ótica neoliberal, o ensino de língua passa a ter como objetivo a formação de sujeitos, que sejam “instrumentalizados linguisticamente” para conseguir bons empregos, que trabalhem para poderem ser bons consumidores, que aceitem “os discursos fatalistas sobre a realidade e que, salvo o contato com outras experiências e incentivos, contribuirão para a permanência e os desdobramentos dessa dinâmica social sempre mais desigual (Côrtes Servelati, 2021, p.13). Assim, na busca de “melhores oportunidades” para o mercado de trabalho, a língua inglesa é frequentemente instrumentalizada como um recurso para o desenvolvimento de habilidades consideradas essenciais para a empregabilidade e ascensão social.

No que tange à desigualdade de acesso e oportunidades, os efeitos das políticas neoliberais no campo educacional são igualmente preocupantes, pois as políticas neoliberais aprofundam as disparidades socioeconômicas, dificultando o acesso a uma educação de



Universidade  
Estadual de Goiás



qualidade e a oportunidades equitativas para todas/os as/os estudantes. De acordo com Lopes (2020):

O sistema neoliberal - extremamente conservador - é organizado para a manutenção do *status quo*, preservando aqueles que ocupam posições privilegiadas sempre no topo da pirâmide social e elegendo seus sucessores, ao passo que naturalmente dificulta a ascensão de outros, ou seja, o sistema é organizado para manter nesses lugares os poucos que estão acima na pirâmide econômica-social (Lopes, 2020, p. 23).

Nesse contexto, surgem conceitos como a meritocracia, que, segundo o autor, colaboram para a manutenção das desigualdades sociais e é favorável a quem detém o poder (Lopes, 2020, p. 24). Nessa direção, o participante Borat traz algumas considerações.

No Brasil o ensino da língua inglesa deveria cumprir o papel de oportunizar aos estudantes as condições para o acesso a um mundo cultural mais amplo que a cultura brasileira. Em todos os sentidos em que pode nos entender o que significa o acesso a uma cultura estrangeira, incluídos os aspectos de profissionalização. Para uma pequena parcela da sociedade, o ensino de inglês já cumpre esse papel (Borat, questionário 2).

O participante Borat, ao ressaltar que “para uma pequena parcela da sociedade, o ensino de inglês já cumpre esse papel”, destaca a desigualdade social e a vantagem de poucos a uma educação de qualidade. Desse modo, entende a questão de privilégios exercida pelo neoliberalismo, uma vez que aponta que uma parcela da população já tem esse acesso.

Campos (2022), por sua vez, aponta que “o neoliberalismo não está nem um pouco preocupado com a questão da desigualdade”, o que ele quer, sendo uma vertente do capitalismo (Nascimento, 2018), é lucro. Então, a pequena parcela da sociedade, a que o Borat se refere, e que tem acesso a uma educação de qualidade, é aquela que pode pagar.

No contexto brasileiro, de acordo com Almeida (2020, p. 84), a privatização e comercialização do ensino de inglês, através da expansão de escolas ou institutos de idiomas, movimentaram grande parte do mercado de ensino e aprendizagem da língua. Nesse cenário, as escolas privadas por terem mais recursos e professoras/es formadas/os na área, conseguiam oferecer um ensino mais eficaz. Assim, o acesso ao ensino de língua inglesa acontecia para quem pudesse pagar.



Universidade  
Estadual de Goiás



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, conforme já mencionado, traz reflexões acerca de concepções de língua e de língua inglesa de discentes de um curso de Letras, de uma universidade pública do interior de Goiás, ressaltando a influência do neoliberalismo na educação. A análise do material empírico aponta indícios de que a lógica neoliberal também permeia concepções e práticas, que concernem a formação de professoras/es de línguas em nível superior. É importante que essa lógica neoliberal seja problematizada, com vistas a promoção de uma educação linguística, que almeje contribuir para a construção de uma sociedade com mais justiça social.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Raquel Silvano. **Globalização do inglês: impactos mercadológicos e reflexos na formação de professores no Brasil**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2020.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CAMPOS, Rosana Soares. Em uma sociedade neoliberal, a educação está a serviço do mercado. [Entrevista concedida a] Samara Wobeto. **Revista Arco Online**. 04.abr.2022. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/sociedade-neoliberal-educacao-servico-mercado> Acesso em: 23.out.2024.

CÔRTEZ SERVELATI, Fabrício. Neoliberalismo e Ensino de Língua Inglesa em Redes Particulares: uma perspectiva autoetnográfica. **Revista De Letras - Juçara**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 6–24, 2021. DOI: 10.18817/rlj.v5i2.2667. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2667> Acesso em: 12 ago. 2024.

DUBOC, Ana Paula. Letramento crítico nas brechas da sala de línguas estrangeiras. In: TAKAKI, Nara Hiroka; MACIEL, Ruberval Franco (Orgs.). **Letramentos em terra de Paulo Freire**. Campinas, SP: Pontes Editores, 3ª edição ampliada, 2017, p. 209-229.

FERRAZ, Daniel de Mello. Neoliberalismo e educação em línguas estrangeiras. **Revista (Con)Textos Linguísticos**. v. 9 n. 14. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/10502> Acesso em: 12.ago.2024.

LOPES, Fabrício Cavalcante. **Ensino de língua inglesa e letramento crítico em tempos neoliberais: autoetnografia de um professor em formação**. 2020. Dissertação (mestrado em Linguística e Literatura). Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras,



Universidade  
Estadual de Goiás



Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura. Maceió, 2020. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/7292> Acesso em: 01.ago.2024.

LOPES, Cristiane Rosa; SANTOS, Sueli Paiva dos. Problematizar ou silenciar?: uma análise de livros didáticos de língua inglesa. In: FREITAS, Carla Conti de; BROSSI, Giuliana Castro; SILVA, Valéria Rosa da. (Orgs.). **Políticas e formação de professores/as de línguas: o que é professor/a hoje?** Anápolis: Editora UEG, 2020

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006. p. 85-105.

NASCIMENTO, Ana Karina. Neoliberalismo e Língua Inglesa: um estudo de caso por meio do PIBID. **Ilha do Desterro.** v. 71, nº 3, p. 039-058, Florianópolis, set/dez 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ides/a/MQ4y4Wc6JFKBMbmPKdDT5sM/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 13.ago.2024.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo. (org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-84.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. (Org.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** 2. ed. Rio de Janeiro: Ayvu Editora, 2023. p. 21-40.

SIQUEIRA, Domingos Sávio Pimentel. Se o inglês está no mundo, onde está o mundo no material didático de inglês? In: SCHEYERL, Denise; SIQUEIRA, Domingos Sávio Pimentel. (Org.). **Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições.** Salvador: EDUFBA, 2012, p. 311-35.